



A mulher representada nos estudos agroecológicos *The woman represented in the agroecological studies*

LORRAYNE, Júlia¹; BENTO, Oséias Lopes²

¹ Universidade Federal de Viçosa, julialmc campos@gmail.com; ²oseiaslopesb@gmail.com

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia.

Resumo: O presente trabalho objetivou analisar como os estudos sobre as mulheres inseridas nos processos agroecológicos podem estar associados com a representação social feminina feita em nossa sociedade. A agroecologia é um movimento holístico que, dentre outras coisas, busca a equidade de gênero, visto isso é importante perceber como os estudos acadêmicos tem se posicionado dentro dessa temática. Para tanto foi-se realizada uma análise da edição “Mulheres Construindo a Agroecologia” da Revista Agriculturas que dedicou esse exemplar para discussão de gênero na agroecologia. O trabalho concluí que as representações sociais da mulher influenciam no direcionamento do trabalho, seja rompendo as barreiras dos estereótipos de gênero ou reforçando os papéis sociais tidos como femininos.

Palavras-chaves: Agroecologia; Gênero; Representação Social.

Keywords: Agroecology; Gender; Social Representation.

Introdução

A agroecologia vem ganhando espaço através do tempo, cada vez mais é perceptível a necessidade de uma nova lógica de produção alimentar que seja sustentável, segura e justa tanto para os agricultores e consumidores quanto para o meio ambiente envolvido. Para Botelho, Cardoso e Otsuki (2016) a agroecologia é um movimento que abarca tanto as dimensões técnicas da produção de alimentos quanto as esferas espirituais e políticas.

A partir disto, vários estudos vêm sendo desenvolvidos abordando a temática agroecologia. Alguns destes apontam a dicotomia entre produção agroecológica e produção convencional, sempre buscando evidenciar a agroecologia como uma alternativa melhor às práticas do agronegócio. Outros apontam os benefícios técnicos da produção agroecológica, como melhor uso dos recursos naturais. Mas como a agroecologia não se trata apenas dos aspectos técnicos, muitos autores vêm trabalhando as perspectivas sociais e políticas do movimento. Dentro deste último eixo, percebe-se a iniciativa de se pensar o papel da mulher na agroecologia. Visto isso, o presente artigo pretende discutir como as representações sociais da mulher na sociedade atual podem interferir na elaboração de estudos sobre mulheres e agroecologia.

As representações sociais são fenômenos observáveis em diversas situações, que podem estar nas mídias, nas condutas pessoais, nos trabalhos acadêmicos e nas instituições, ou seja, estão amplamente presentes no cotidiano (JODELET, 2001).



As representações sociais podem ser reconhecidas como “sistemas de interpretação” (JODELET, 2001, p. 22) que não apenas auxiliam a analisar a relação do indivíduo com o mundo, mas também orientam e organizam a sua vida social, intervindo em processos como a interiorização do conhecimento, definição de identidades individuais e grupais, expressões e transformações sociais.

Metodologia

Para realização deste artigo foi-se elaborada uma pesquisa exploratória, que segundo Gil (1999) se consiste no aprimoramento de ideias já pré-concebidas. Apesar disso, esse trabalho também foi de natureza qualitativa, já que pretendeu-se investigar as representações sociais, o que indica um trabalho com signos, significados e símbolos (MINAYO, 2002).

Para o procedimento de coleta de dados foi-se realizado levantamento bibliográfico sobre os temas de interesse, selecionando-se aqueles que discutiam a mulher na agroecologia. Além disso, foi feita uma análise aprofundada do volume 6, número 4 da Revista Agriculturas pelo fato desta edição ser exclusivamente dedicada à discussão de gênero na agroecologia. Essa análise serviu de base para os resultados e discussões do presente artigo.

Resultados e Discussão

A agroecologia se propõe ser uma nova forma de ciência, que possui um olhar diferenciado para os meios de produção, uma abordagem multidimensional nas palavras de Altieri (2008). Esta ciência não é vista apenas como um meio de produção, mas sim um movimento, um modo de vida que aborda os aspectos econômicos, sociais, culturais, espirituais e políticos. Visto isso, se poderia supor que esse movimento fosse mais convidativo para as mulheres. Entretanto é importante analisar que apesar de todo o arcabouço teórico, a agroecologia também é uma prática que se constrói no dia-a-dia. E este cotidiano é perpassado por normas sociais que são historicamente construídas e que direcionam as vidas dos sujeitos que podemos denominar de representações sociais (JODELET, 2001).

Analisando os materiais que abordam o tema agroecologia inserindo a discussão sobre mulheres, percebeu-se que há algumas tendências na forma de abordar estes assuntos. Este artigo se debruçará sobre três aspectos importantes nesses estudos: a predominância feminina, associação com estereótipos femininos e o empoderamento da mulher.

Primeiro há um grande esforço por parte de pesquisadoras em discutir a temática gênero dentro da agroecologia. A Revista Agriculturas, que se define com o objetivo de apoiar e disseminar práticas agroecológicas, publicou duas edições centradas na discussão de gênero. A edição de 2009, que será o foco desse artigo, conta com



nove artigos, sendo que apenas um deles possui um homem como primeiro autor e outros dois possuem coautores masculinos. As edições se caracterizam como um exemplo da predominância das mulheres na discussão de gênero na agroecologia. Além disso, artigos agroecológicos publicados por homens tendem a abordar mais as dimensões técnicas e políticas da agroecologia.

O segundo aspecto a ser destacado é associação das mulheres na agroecologia com os estereótipos femininos, como a relação com ambiente doméstico e o peridomicílio (quintal) e ao cuidado dispensado à família. É possível perceber que esses estudos se baseiam na divisão sexual do trabalho com o intuito de inserir o trabalho feminino na agroecologia. Esse fato se relaciona com a invisibilidade do trabalho real da mulher que muitas vezes é diminuído ou desconsiderado. Burg e Lovato (2007) apresentam a problemática da invisibilidade do trabalho doméstico para a agricultura familiar e a agroecologia, abordando fatos como o não cadastramento de mulheres trabalhadoras rurais/agricultoras, a desqualificação do trabalho feminino e a marginalização da formação profissional agrária para mulheres. Nascimento (2014) explora a invisibilidade do trabalho da casa, do cuidado com a família, do trabalho comunitário e do trabalho produtivo realizado pelas mulheres rurais fundamentando esse fato na ideologia construída histórica e socialmente pelo patriarcado. Dentro da edição “Mulheres construindo agroecologia”, a autora Jaelil (2009) discute inserção política das mulheres camponesas através de movimentos feministas, mas apoiado na problemática da importância da mulher para soberania alimentar, ou seja, o *cuidado* na alimentação. Sousa, Leite e Rios (2009) discutem a organização das mulheres em um assentamento na Bahia, tendo como base a experiência de uma roça agroecológica com o objetivo de combater a desnutrição no acampamento. Lima e Amaral (2009) abordam a iniciativa e a organização de mulheres que sobrevivem do extrativismo a partir de técnicas agroecológicas. Oliveira (2009) discorre sobre a implementação de quintais agroflorestais com intuito de manter a segurança alimentar e empoderamento feminino no Maranhão. Ferreira, Marcato e Sá (2009) discutem mudanças climáticas e como a inserção da agroecologia e da mulher pode atenuar as consequências e Pimbert (2009) discorre sobre a importância da mulher para a soberania alimentar.

O terceiro aspecto encontrado aborda a dimensão política da agroecologia e a importância da participação e do empoderamento feminino. Dentro da edição “Mulheres construindo agroecologia”, Cardoso e Rodrigues (2009) discutem a inserção política das mulheres na agroecologia perpassando por algumas problemáticas como a invisibilidade do trabalho feminino e a divisão sexual do trabalho. Silva (2009) aborda os processos de autonomia e independência derivados da organização de mulheres e Aguiar, Siliprandi e Pacheco (2009) expõe a participação das mulheres no Congresso Brasileiro de Agroecologia.

Analisando algumas das tendências nos estudos relacionados agroecologia e mulheres percebe-se os estereótipos do trabalho da mulher ainda estão presentes nesse meio, porém há também um amplo debate sobre os papéis de gênero pré-estabelecidos. Burg e Lovato (2007) expõem a dificuldade da formação profissional



agrária feminina, nesse quesito as autoras evidenciam que o principal motivo dessa barreira é o *imaginário* de que mulheres não conseguem realizar ofícios que demandem muita técnica ou que pertençam ao espaço público. Nesse caso, é fácil identificar como a imagem da mulher-cuidadora influência na elaboração de papéis destinados a ela dentro da agroecologia.

O editorial da Revista Agriculturas de 2009 traz uma discussão interessante sobre os estereótipos do trabalho feminino. Nele é afirmado que as sistematizações feitas nos artigos da revista ressaltam a relevância da mulher como provedoras das economias de suas famílias e apela para o *desocultamento* do trabalho da mulher. Também provoca ao questionar a separação entre esfera produtiva e esfera reprodutiva e a divisão sexual do trabalho.

Apesar disso, os estudos analisados também apontam uma forte tendência para o aumento da participação social e da organização comunitária das mulheres. Isso pode ser uma resposta às clássicas representações da mulher no campo. Devido ao fato da mulher ser sempre associada ao isolamento do ambiente doméstico, a participação e organização social poderia impulsionar às quebras de estereótipos e o questionamento da divisão sexual do trabalho, como demonstram Lima e Amaral (2009) quando citam que os maridos das extrativistas se envolvem nas atividades domésticas quando estas estão viajando.

Conclusões

A partir das análises é possível concluir que a representação social da mulher interfere nos estudos sobre agroecologia. Porém esta representação pode ser tanto reforçada quanto questionada dentro da agroecologia. As práticas que envolvem o cuidado com o ambiente e a família ainda são associadas à mulher, entretanto a mulher na agroecologia é incentivada a participar politicamente e reivindicar o reconhecimento da sua contribuição política, social e econômica para a família.

O fato das pesquisas feitas sobre mulheres na agroecologia serem feitas por mulheres se relaciona com o que Santos (2002) nomeia como Sociologia das Ausências. O autor propõe que expandíssemos nosso presente dando visibilidade à experiências que estão ocultadas. O trabalho feminino e o valor deste trabalho foram invisibilizados durante todo o processo da humanidade, o que Santos (2002) também denomina como produção de não existências. Visto isso, aquelas que têm melhor referencial para discutir esta invisibilidade são as próprias mulheres que vivem essa situação.

Assim sendo, percebe-se que a agroecologia têm potencial para ser uma fértil área para discussão de gênero e quebra de estereótipos femininos, porém para que isso seja consolidado é preciso abrir a mente para se repensar a representação da mulher e desassociar a ideia de que certos trabalhos e ambientes são exclusivos de homens ou mulheres.



Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. O artigo também foi fruto das discussões feita na disciplina **Processos Sociais, Desenvolvimento Local e Transição Agroecológica** do departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa. Não teria sido possível sem as brilhantes discussões suscitadas pela Prof^a Dr^a Maria Izabel Vieira Botelho e pelos colegas da disciplina. Além do apoio e revisão dos companheiros da pós em Extensão Rural da mesma universidade, gratidão a todos.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Maria Virgínia, SILIPRANDI, Emma , PACHECO, Maria Emília. Mulheres no Congresso Brasileiro de Agroecologia. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.6, n.4, dez. 2009.p. 46-49

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: A Dinâmica Produtiva da Agricultura Sustentável**. 5^a Ed. Porto Alegre: Editora UFRGS. 2008. 120 p.

BOTELHO, Maria Izabel Vieira, CARDOSO, Irene Maria, OTSUKI, Kei. "I made a pact with God, with nature, and with myself": exploring deep agroecology. **Agroecology and Sustainable Food Systems**. V. 40, n. 2, 2016. p. 116-131.

BURG, Ines Claudete, LOVATO, Paulo Emilio. Agricultura Familiar, Agroecologia E Relações De Gênero. **Rev. Bras. Agroecologia**, v.2, n.1, fev. 2007. p. 1522-1528

CARDOSO, Elisabeth Maria, RODRIGUES, Vanessa Schottz. Mulheres construindo a Agroecologia no Brasil. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.6, n.4, dez. 2009. p. 12-16

FERREIRA, Ana Paula Lopes, MARCATTO, Guilherme Strauch, Celso, SÁ, Dorivaldo de Sá. Riscos e oportunidades das mudanças climáticas: uma análise a partir da perspectiva de gênero. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.6, n.4, dez. 2009.p. 36-40

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas em Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas. 1999. 200 p.

JALIL, Laetícia. Soberania alimentar, feminismo e ação política: um olhar sobre as ações do Movimento de Mulheres Camponesas. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.6, n.4, dez. 2009. p. 9-11.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, Denise (Org.). **As Representações Sociais**. Tradução Lillian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 17-44. 2001.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



LIMA, Bianca Ferreira, AMARAL, Waldiléia Rendeiro. Das janelas para o rio às práticas agroecológicas: a experiência das mulheres agroextrativistas da Foz do Rio Mazagão Velho. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.6, n.4, dez. 2009.p. 22-27

MELO, Hildete Pereira de; CONSIDERA, Claudio Monteiro; SABBATO, Alberto di. Os Afazeres Domésticos Contam. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 3, p.435-454, dez. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182007000300006

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vorazes, 2002. 80 p.

NASCIMENTO, Silvane Magali Vale. Mulheres rurais e agroecologia: perdas e ganhos de um aprendizado cotidiano nas chapadas do leste maranhense frente à expansão da monocultura de soja. **Gênero**. Niterói. v.15. n.1. p.81-102. 2014.

OLIVEIRA, Cidvânia Andrade de. Quintais agroflorestais: mulheres redesenham espaços de produção e reprodução no Maranhão. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.6, n.4, dez. 2009.p. 32-35

PIMBERT, Michel. Mulheres e soberania alimentar. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.6, n.4, dez. 2009.p. 41-45

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p.237-280, 1 out. 2002. Disponível em < <http://rccs.revues.org/1285>>

SILVA, Marialda Moura da. Fonte de água viva: soberania alimentar e ação das mulheres na Rede Xique-Xique. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.6, n.4, dez. 2009.p. 28-31

SOUSA, Ana Celsa Sousa, LEITE, Carlos Eduardo de Souza, RIOS, Luciana. Roça agroecológica das mulheres do Assentamento Dandara dos Palmares, Camamu (BA). **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.6, n.4, dez. 2009.p. 17-21.